

VERBO

DEUS COMO INTERROGAÇÃO NA POESIA PORTUGUESA

selecção e prefácio

JOSÉ TOLENTINO MENDONÇA

PEDRO MEXIA

ASSÍRIO & ALVIM

EXPLICAÇÃO

Estamos conscientes de que entramos aqui a brincar com o fogo, contrariando ambos os lados de uma barricada. Uma antologia desta natureza tem, por isso, todos os ingredientes para constituir-se numa empresa que falha. Desde logo pela banda daqueles que chegarão a este livro por serem simplesmente leitores de poesia. Uma declaração de Gottfried Benn pode bem traduzir os seus receios: «Deus é um mau princípio estilístico. Quando alguém se torna religioso, isso fatalmente abranda a sua expressividade.» As convicções religiosas são incompatíveis com a boa poesia. Elas «abrandam», «afrouxam», «domesticam», tornam «bem intencionadas» as proposições. E, novamente nas palavras de Gottfried Benn, «bem intencionado» é o contrário de bom. A alternativa que o poeta alemão apresentou passou a constituir um dos modos mais representativos de afrontar o problema: a arte (e, neste particular, a poesia) é a única forma possível de transcendência. A religião perdeu o poder de impulsionar os homens no seu desenvolvimento espiritual e «apenas a arte permanece como a verdadeira tarefa da vida, como sua identidade, sua actividade metafísica, à qual ela mesma, a vida, nos obriga». Como sempre, o problema não são as intuições originais (instigantes e necessários motores do desassossego), mas a sua massificação e o émulo que, sem pretender, por vezes geram: o preconceito.

Mas os leitores que chegam a este volume por que sobretudo se interessam pela questão religiosa não atravessam um desconforto menor. A crítica religiosa à estética contrapõe uma antítese radical: a arte é um princípio demasiado frouxo e ambíguo para a fé. A arte é, no fundo, um jogo do esconde-esconde, sem compromissos, sem grávida-

de existencial; e pior, instaura uma moral estranha à moral autêntica. À estética opõe-se aquilo que realmente conta: a ética e a vida eterna. Como à poesia se opõe o único factor decisivo: a verdade. Bem podem os românticos alcandorar que «quanto mais poético mais verdadeiro». A crítica protestante (Sören Kierkegaard e Karl Barth, por exemplo) e a teologia católica neo-escolástica aparecem coincidentes num claro alinhamento de confronto, o que justifica também o divórcio que, na prática, se veio a instalar entre religião e artes.

Claro que este é um quadro extremado e não podemos esquecer, como recorda Jorge de Sena, que «há infinitas maneiras de prevalecer». A todos os que as inventam, as desejam e as praticam dedicamos esta antologia. Estamos em crer que se um protagonista com a envergadura intelectual e espiritual de Bento XVI dirigiu aos artistas as palavras que se seguem, mostra como, porventura, ingressamos noutra estação: «O que pode voltar a dar entusiasmo e confiança, o que pode encorajar o ânimo humano a reencontrar o caminho, a elevar o olhar para o horizonte, a sonhar uma vida digna da sua vocação, a não ser a beleza? Vós bem sabeis, queridos artistas, que a experiência do belo [...] não é algo acessório ou secundário na busca do sentido e da felicidade, porque esta experiência não afasta da realidade, mas, ao contrário, leva a um confronto cerrado com a vida.»

*

Escolhemos como balizas temporais as obras de Vitorino Nemésio e de Daniel Faria, e lemos com atenção e vagar os poetas portugueses, nascidos entre 1901 e 1971, que fizeram da «questão de Deus» um tema, motivo ou obsessão.

Como é natural, muitíssimos autores e movimentos ignoraram a «questão de Deus», inexistente ou ocasional no primeiro modernismo,

no neo-realismo, no surrealismo, na Poesia 61, na Poesia Experimental, e em boa parte dos poetas nascidos na segunda metade do século. Em contrapartida, a «questão» aparece com frequência nos autores ligados à «Presença», aos «Cadernos de Poesia», até à «Árvore», isto para nos ficarmos por grupos ou tendências. Cedo nos apercebemos de que o cristianismo (quase não se encontram outras religiões em poemas portugueses) é em muitos poemas um facto cultural, sociológico; não um assunto íntimo e grave, mas uma linguagem, uma memória de infância, um aspecto quase folclórico, um ritual laicizado, ou então uma referência pictórica, arquitectónica, musical.

Se tivéssemos incluído todos os poetas que aludem de algum modo ao cristianismo, a antologia teria uma centena de autores, e não treze. Pareceu-nos porém que interessava mais a ideia de «questão», questão dos poetas consigo mesmos, quer se tratasse de fé, angústia, recusa, apostasia, incompreensão, revolta ou prece. Ainda assim, chegámos a ter uma selecção quase final com vinte e muitos poetas, que fomos reduzindo. Abdicámos, na escolha definitiva, de certos poemas meditativos e metafísicos, eliotianos, digamos assim, que certamente teriam lugar num volume mais extenso, mas que se prestavam mal a uma antologia; de outros em que o motivo cristão é apenas alegórico ou até «linguístico»; e três ou quatro poetas canónicos ficaram de fora por uma questão do gosto pessoal de quem escolheu, que é sempre um bom critério em antologias.

Destes treze poetas, cinco estão representados com quinze poemas, por nos parecerem absolutamente determinantes numa compreensão da «questão de Deus» na poesia portuguesa. Começamos com Nemésio, que escreveu poemas de uma entrega metafísica confiante e aflita, em estilo elevado ou chão, com uma toada popular ou um vocabulário científico, dando corpo à própria noção de Verbo. Sophia de Mello Breyner Andresen é um caso especial de contiguidade entre a cultura greco-latina, pagã, e a ética cristã, mas tem sempre presente os mesmos

ideais de justiça, perfeição, paz, o mesmo escândalo com os fariseus e os opressores, a mesma ânsia por uma «pura face». Fernando Echevarría chega ao cristianismo como uma dupla emanção da filosofia e da mística, uma «experiência» do sagrado intimista, intelectual, que se manifesta em noções de evidência, estudo, presença. Ruy Belo começou por ser um poeta católico, tornou-se depois um «pobre católico» e um «vencido do catolicismo», deixando cair todas as maiúsculas, até na palavra deus, e deixou-nos poemas literalmente antológicos sobre os vestígios de Deus nas palavras e no mundo, mesmo que se tenha depois desconstruído com esses vestígios. O quinto destes poetas é Daniel Faria, monge beneditino, precocemente falecido, que compôs poemas bíblicos, metafóricos, algures entre São João da Cruz e Herberto: paráfrases, transformações, intimações e segredos.

As demais escolhas são evidentes, umas, e originais, outras. Ruy Cinatti, por exemplo, era inescapável, com o seu tom de oração coloquial, um «nós não somos deste mundo» que claramente se situa no mundo, atravessa o mundo, atravessando Deus também. O caso de Jorge de Sena é mais bizarro; nem sequer tínhamos pensado incluí-lo, mas os poemas dos anos 1930-40 são literalmente uma luta com Deus, uma tentativa de enfrentar a «questão de Deus», às vezes com veemência, como um agnóstico à beira da crença ou do ateísmo; o facto de «a questão» quase ter desaparecido na obra subsequente não elimina o evidente interesse destes poemas. Quisemos incluir José Bento porque se trata de um poeta com um reconhecimento insuficiente, apenas compensado pelo seu prestígio como tradutor do castelhano; estes quatro poemas são reveladores de uma poética intensa e discreta, de surpreendentes ecos marianos, e com uma crença que, tal como a poesia, depende por vezes de «uma única palavra». Autor de obra escassa, porque morreu cedo, suicida, Cristovam Pavia deixou uma grata lembrança em muitos dos seus amigos poetas, e os três poemas que dele incluímos dão conta de um «amor angustiado» e de «forças já não minhas»;

forças insuficientes, talvez, mas um amor certo. Pedro Tamen pertence à geração dos «católicos progressistas» ligados à revista O Tempo e o Modo e à editora Moraes; os quatro poemas que estão na antologia correspondem à primeira fase da sua obra, devota, interrogativa, surreal, esperançosa. Armando Silva Carvalho talvez surpreenda os que o imaginam apenas antilírico, ácido, quase abjeccionista; o «cão de Deus» percorre muitos dos seus poemas, histórias de encontros, tias, discípulos, ternura e compaixão, às vezes em tabernas e tasquinhas, como os sítios «impróprios» que Jesus também frequentava. Carlos Poças Falcão é provavelmente o nome menos conhecido desta antologia, mas a recente publicação dos seus poemas completos mostrou a força quase litúrgica desses versos que vivem no espírito e na confiança, que fazem de Deus uma sabedoria e uma exultação. Finalmente, o caso inesperado de Adília Lopes, que parece demasiado humorística e prosaica para abordar a «questão», mas que na verdade tem Deus em dezenas de poemas, um Deus que é um boomerang, um Deus na vida de bairro, um Deus da caridade, Deus como uma mulher-a-dias, um Deus que é um bicho, um cheiro e uma coisa vivida.

Deus como interrogação, assim se chama a antologia, porque Deus existe, na poesia como na vida, em modo interrogativo, mesmo para quem tem fé. Esta não é uma antologia para crentes ou para não-crentes, é uma antologia de poesia que dá exemplos de um tema, de um motivo, de uma obsessão, exemplos portugueses, numa época que também nos deu Claudel, Eliot, Luzi ou Milosz, poetas com uma questão, com uma pergunta que nunca está respondida.